

NOVOS SINAIS DOS TEMPOS PARA O CULTIVO DA FÉ

Wolfgang Gruen SDB

RESUMO: A atual revisão das epistemologias desafia também as mediações eclesiais do cultivo da fé. Em microdimensão, bons passos vêm sendo dados. Ficarão limitados e dispersivos, se não cuidarmos da macrodimensão. Não só na teoria, mas na vivência eclesial, é urgente superarmos a atual fragmentação das mediações da fé, providenciando sua articulação sistêmica, tendo como centro propulsor a comunidade eclesial. Essa atenção para com a “floresta” em seu conjunto possibilitará a revalorização também de cada uma das “árvores”; mostrará a importância de mediações que ficaram esquecidas; ativará importantes funções do catecismo, próprias de nossas raízes judeu-cristãs, mas ignoradas há séculos; sublinhará a necessidade de embasar o cultivo da fé na formação da “atitude religiosa” em sentido amplo. A seu tempo, resultará uma nomenclatura mais funcional dessas mediações.

PALAVRAS-CHAVE: articulação sistêmica, catequese, comunidade, macrodimensão, mediações da fé.

ABSTRACT: The current revision of the epistemologies challenges also the ecclesial mediations of the cultivation of faith. In micro-dimension, good advances are in the works. They will remain limited and disperse, if the macro-dimension is not cared for. Not only in theory, but in ecclesial life, is it urgent to surpass the present fragmentation in the mediations of faith and to provide for their systemic articulation with the ecclesial community as driving force. This caring for of the “forest” as a whole makes also

possible a revalorization of each “tree”. It will point out the importance of mediations that remained forgotten. It will activate important functions of the catechism, proper of our Judeo-Christian roots, but ignored for centuries. It will underline the necessity to put cultivation of faith as basis for the formation of the “religious attitude” in an ample sense. In time, a more functional nomenclature of those mediations will ensue.

KEY-WORDS: systemic articulation, catechesis, community, macro-dimension, mediations of faith.

1. Motivação

Nos últimos 35 anos, nossa catequese tem-se mostrado particularmente atuante. Basta pensar no meio milhão de catequistas; nas publicações, iniciativas e eventos; na organização da Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB, que impulsiona o vasto movimento. São sinais de um imenso mutirão de cultivo e irradiação da fé.

O empenho é generoso; mas, tendo em conta o gigantesco esforço, a resposta está aquém do esperado. Nas mudanças sociais que se sucedem com vertiginosa velocidade, algo está entretendo a catequese frente às sempre novas necessidades. É o caso de sugerir, nos diversos níveis de coordenação, um como *check-up* do nosso sistema de mediações do cultivo da fé, no que diz respeito a seu *aggiornamento*. É disso que este artigo se ocupa.

2. Nossa herança religiosa

Para melhor contextualizarmos a problemática, sugerimos rápida viagem às raízes históricas e socioculturais de nossas mediações do cultivo da fé. O esboço que segue será repensado e desenvolvido de acordo com as diversas situações locais.

A experiência religiosa e o vaivém de suas mediações¹

Sobre a história do senso religioso nos primórdios da humanidade só temos hipóteses. Parece haver consenso sobre alguns elementos. Do ponto de vista da antropologia cultural, no princípio está o nexa existente entre três

¹ Cf. A. N. TERRIN, *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004. J. MARTÍN VELASCO. “Metamorfosis de lo sagrado y futuro del cristianismo”, *Selecciones de Teología* 150 (1999) 127-146; U. GALIMBERTI, *Rastros do sagrado: O cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003. F. GARCÍA

elementos: 1. experiências intensas, que indicam a presença, no mundo, de algum *poderoso ser superior*; 2. *medo* diante desse “mistério tremendo”; 3. *desejo* ardente de obter algum favor por intermédio dele. Medo, poder, desejo parecem ser “as três coordenadas propedêuticas ao religioso e condensadoras daquele sagrado em que a humanidade de todos os tempos se encontra”². Essa experiência religiosa, segundo Terrin³, é pré-categorial, pré-conceptual, até mesmo pré-cultural.

A experiência coletiva do sagrado foi sendo codificada em crenças e atitudes, formatadas em **mitos**, **ritos** e **normas** – núcleo do que chamamos, polissemicamente, de **religião**. Vão-se estabelecendo tempos e espaços dedicados ao **culto**; normas, ritos, palavras e objetos, escritos, instituições, pessoas encarregadas desse “serviço”, tudo isso passa a ser considerado sagrado. A seu tempo, a mensagem será *interpretada fora de seu contexto de origem*. Dessa maneira, entre benefícios e riscos, o grupo passa adiante elementos particularmente fortes de sua experiência religiosa inicial. Sim, há também riscos: desligadas da experiência, as manifestações religiosas perdem relevância; por serem importantes, estão sujeitas a degeneração: ritualismo, magia, idolatria, abuso de poder; desunião dentro do grupo e com os de fora.

Israel. No Israel dos tempos bíblicos, podem-se identificar duas tendências, que perpassam a Bíblia: a **mosaica**, e a **davídico-salomônica**. Fazem parte do DNA religioso que herdamos do Israel bíblico. É uma simplificação, com os riscos que ela comporta; mas é elucidativa.

A tendência *mosaica* desenvolve-se entre os pequenos, sofredores, excluídos; é marcada por indignação dos que buscam liberdade, terra, justiça e se mobilizam para isso. Eles têm seus defeitos; mas caminham, são solidários, alimentam uma utopia. Seu projeto é libertador. Sabem que Deus ouve seus clamores e está com eles. É o espírito do êxodo.

A tendência *davídico-salomônica* prospera entre gente instalada; sua confiança está em instituições capazes de manter a desigualdade social; apóia o poder centralizado; percebe Deus, de preferência, como poderoso, glorificado solenemente num templo grandioso. Seu projeto é de dominação; suas lutas são de conquista. Detalhe significativo: a tradição sacerdotal pós-exílica transformará Moisés em pai das instituições religiosas de Israel.

Jesus Cristo. Nesse clima de ambigüidade, entra em cena Jesus de Nazaré. Viveu sua experiência religiosa em total união com o Pai e solidariedade com os discriminados e sofredores. À luz desse crivo, reavaliou tudo, mesmo as mediações mais sagradas do judaísmo: relativizou a santidade ritual e

BAZÁN, *Aspectos incommuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002. M. FRANÇA MIRANDA, “A volta do sagrado: uma avaliação teológica.”, *Perspectiva Teológica* 21 (1989) 71-83.

² TERRIN, *op. cit.*, p. 228.

³ *Ibidem*, p. 85s.

suas expressões, o saber religioso das elites, o poder espiritual dos que o manipulavam para seus interesses. Enfrentou a prepotência e a violência exercidas até em nome de Deus. Nessa prática libertadora, cultivou uma espiritualidade de confiança no Deus do *shalom*, da vida. Formou seus seguidores nesse espírito. Conseguiram levar adiante seu projeto? Sim, mas no meio de ambigüidades.

A Igreja cristã criou suas próprias mediações do cultivo da fé, com benefícios e riscos. **Nas origens**, sobressaem o empenho pela causa de Jesus, zelo missionário, celebrações simples e falantes, oração. A organização eclesial e, nela, o catecumenato, constituem verdadeiro plano pastoral. A partir de meados do século I d.C., entre populações helenizadas, a mensagem de Jesus incultura-se em categorias e linguagem do helenismo. O afã de delimitar a reta doutrina causa divergências, polêmicas, divisões. As cristologias passam a ser tão vitais quanto a causa dos pobres. À medida que grupos dissidentes multiplicam-se e adquirem prestígio, avoluma-se também o debate eclesiológico. A ortodoxia torna-se preocupação constante. Bispos e presbíteros vão granjeando especial respeito e dignidade; às vezes, o zelo pela sã doutrina os distancia dos problemas da gente simples. São os primeiros sintomas do clericalismo, que contagiara a Igreja até hoje. Tudo somado, porém, o saldo era decididamente positivo.

A partir de Constantino, são criadas novas formas institucionais. Ao longo da **Idade Média Ocidental**, a Igreja ocupa posição central na sociedade, com evidentes benefícios para o povo. Mas a *crístandade* é “fatalmente um mundo fechado, que defende sua homogeneidade interna” (Y. Congar), que procura expandir suas fronteiras por evangelização, mas também por hegemonia e imposição. Boa parte do clero vive como o povo humilde; o “alto clero” deixa muito a desejar. A catequese formal define: ainda há razoável pregação, mas o antigo catecumenato desaparece; a educação da fé dá-se principalmente através da imersão na cristandade, favorecida pelo prestígio das instituições eclesiásticas. A feudalização da estrutura eclesiástica acentua o autoritarismo, a corrupção, a repressão contra dissidentes. O eclesiástico prevalece sobre o eclesial. O querigma vira doutrina, mas sem deixar de alimentar a fé. Os leigos, sob fascínio e tutela do clero, vivem cercados de medos. São eles, entretanto, que, durante mil anos mantêm viva a catequese informal, através de devoções, festas, romarias, imagens, encenações, cantos. Merecem destaque as mulheres: “beatas”, santas, sábias e “bruxas”, místicas e profetizas, cristãs dedicadas à família e ao serviço dos sofredores.

Nos albores da **Modernidade**, a catequese ficou marcada pelo **Concílio de Trento** (1545-1563), que saneou, com energia, os males que grassavam na Igreja: corrupção, abusos na área do culto, falta de disciplina e de formação do clero. Diante das mudanças culturais da sociedade e dos eruditos debates teológicos com os Reformadores, a população, insegura e confusa, precisava de algo que a norteara, e balizasse a identidade católica. O

Concílio cuidou fosse redigido o *Catecismo para os Párocos* (1566), síntese da sistematização doutrinal empreendida pelo Concílio; foi o modelo dos catecismos que, em número crescente, vieram a ser redigidos nos séculos seguintes. Catequese passou a ser sinônimo de ensino do catecismo. Por ser central ao nosso tema, voltaremos ao assunto.

Veio o Vaticano II, “o grande catecismo dos tempos modernos”⁴. Em Medellín (1968), houve a Semana Catequética Internacional e a II CELAM, que aplicaram o Vaticano II à realidade latino-americana e caribenha. No Brasil, o documento *Catequese Renovada* (CNBB, 1983) procurou aplicar as exigências de Medellín ao conteúdo da catequese. Mas o tempo não pára: o Vaticano II e Medellín ainda não foram suficientemente assimilados, e já nos encontramos diante de novos desafios.

3. Novos "sinais dos tempos"

Hoje, quais as novas exigências para o *cultivo da fé*? Procuramos atualizar *Catequese Renovada* com acentuações urgentes: consolidação dos *Regionais* da CNBB/Dimensão bíblico-catequética, *formação dos catequistas, inculturação, catequese na cidade grande, espiritualidade, catequese com adultos*. Tudo isso é indispensável, mas não tem ido à raiz dos atuais desafios. Cá e acolá, propõe-se de novo o remédio aplicado por Trento: ensino didaticamente renovado do *catecismo*. Ora, Trento identificou necessidades imediatas da Igreja e deu-lhes respostas conjunturais; mas não conseguiu enxergar mais longe, perceber o espírito da incipiente modernidade, as raízes dos problemas emergentes. Não podemos repetir o equívoco de Trento. O Vaticano II, na Constituição *Gaudium et Spes*, alargou o horizonte para os anseios do mundo; Medellín focalizou a dimensão sociopolítica da catequese. Se essas perspectivas não tiveram a implementação que se esperava, também isso há de constituir objeto de estudo⁵. Nesse ínterim, porém, por toda parte sucedem-se profundas mudanças culturais, que sacodem as religiões formatadas no “tempo-eixo” da História. Detenhamo-nos sobre algumas.

Novas epistemologias

Até recentemente, elaborávamos nossos conceitos segundo o método sistematizado por R. Descartes (+1650): o universo era visto de modo estático; para compreender uma de suas partes, devia-se estudá-la ordenadamente,

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae* (1979) n° 2, citando Paulo VI.

⁵ Ver W. GRUEN, “Novos tempos interpelam nossa catequese”, *Revista de Catequese* 89 (2000) 42-48; *Idem*, “Catequese em Movimento”, *Revista de Catequese* 102 (2003) 17-32; *Idem*, “Formação de Catequistas. Notas avulsas.”, *Revista de Catequese* 106 (2004) 17-31.

detalhe por detalhe. Conhecer significava ter certeza, por evidência clara e distinta. Duas palavras-chaves: fragmentação, certeza.

No início do século 19, Karl W. von Humboldt organizou a Universidade de Berlim seguindo esse paradigma; com setores, institutos, departamentos, disciplinas claramente delimitadas, serviu de modelo às universidades criadas nos séculos 19 e 20. Foi também o modelo que inspirou a organização dos cursos de filosofia e teologia, e da própria pastoral da Igreja: não queriam ficar atrás das “ciências”, tão prestigiadas na modernidade.

Mas eis que chega a roda viva da História: em meados do século 20, o mundo estático com suas certezas foi-se esboroando: sai de cena Descartes e entram Einstein, Heisenberg, Goedel, e tantos outros. Teorias como as da *relatividade*, da *incerteza*, do *caos*, conceitos como os do *campo* (p.ex., o energético), a *teoria geral dos sistemas*, apresentam um universo bem diferente do que temos em mente. Um aspecto interessa mais de perto a nossa reflexão: a “realidade” tende a ser vista de modo **sistêmico**: como conjunto policêntrico em contínuas relações dinâmicas com seu entorno, também este, aliás, pluralidade de sistemas heterogêneos; vale dizer: a realidade é imprevisível, **complexa** em sentido técnico⁶. Por isso, a categoria principal para abordar a realidade é a da **rede de relações**. Daí a relevância de conceitos como *ecologia*, *ecumenismo*, *articulação*, *sinergia*, *internet*. Sua concretização metodológica é o *hipertexto*, que admite número ilimitado de conexões instantâneas – enciclopédia em contínuo crescimento, acessível com um toque do dedo.

*Novo rosto da subjetividade*⁷

Novas tecnologias e epistemologias trazem consigo profundas mudanças culturais e religiosas. Diante do movimentado caleidoscópio de teorias e conceituações, a pessoa imersa na pós-modernidade tende, também ela, a estar continuamente “em trânsito” não só quanto a valores, mas, o que é mais sério, em seu *sistema* de valores; avessa a compromissos duráveis; com a sensação de que tudo é fugaz e descartável – sensação aceita com apatia diante do vazio e tédio da existência. Em vez de lutar por grandes causas, anseia-se por bem-estar e satisfação imediata. Há, nisso, aspectos cristãos: relativização, desapego, espírito de êxodo, mas descaracterizados por relativismo, individualismo e auto-suficiência nada evangélicos.

Em termos de prática religiosa, há ofertas para todos os gostos; mas em muitas delas é difícil dizer quanto haverá de “religioso”. O *sagrado* que se procura é antes captativo, egoísta. O próprio conceito de *religião* é superficial e individualista: cada um prepara sua cesta de crenças, sempre pro-

⁶ Cf. H. ASSMANN, *Reencantar a educação*, Petrópolis: Vozes, 1998, p.180.

⁷ Cf. J. B. LIBANIO, “Itinerário da fé hoje: a propósito da teologia da fé.”, in CNBB, *O itinerário da fé na “iniciação cristã de adultos”*. São Paulo: Paulus, 2001, pp. 296-331.

visória. No outro extremo, busca-se segurança em variadas formas de fundamentalismo ou em arroubos emotivos. As tradições e instituições do passado são refugadas como autoritárias, paralisantes, infantilizantes. De uma cultura de transmissão passamos a uma cultura hermenêutica⁸, mas com desvalorização da mediação intelectual a favor do emocional e estético. Sob as cinzas, ainda ardem muitas brasas: saudade da âncora da fé esperançosa; principalmente, muito inconformismo profético.

Normalidade da crise

Ao comentar a história do capitalismo, Milton Santos⁹ observa que, diferentemente do que acontecia no passado, não estamos mais vivendo aquele suceder-se de *períodos* de certa ordem e coerência, entremeados de *crises* em que essa coerência se desfazia. Agora, período e crise superpõem-se. É o que se verifica também no sociocultural: o suceder-se vertiginoso de mudanças profundas passou a integrar nossa estrutura social de maneira, ao que tudo indica, irreversível. É a normalidade da crise, unindo dois conceitos que pareciam contraditórios.

Recepção da problemática

Em geral, ainda pensamos os problemas de hoje com a cabeça de ontem; esquecemos que, como dizia Einstein, foram cabeças de ontem que criaram os problemas de hoje. Para repensar a catequese, não basta entender a transformação sem igual pela qual está passando nossa sociedade: precisamos sentir o impacto de tudo isso; hoje, “quem não estiver confuso ou em dúvida está mal informado” (G. Dimenstein)¹⁰. Confusos, mas sem medo inibidor: H. Assmann fala de “perplexidade criativa”¹¹. De fato, dispomos também de novos recursos; o que perdemos em segurança, ganhamos em confiança. Vale ressaltar que essa metamorfose é problema para nós; para a nova geração só o será na medida em que nossa proposta de fé não os atingir.

4. Implicações para o cultivo da fé

O quadro das atuais mudanças é bem mais variegado do que as pinceladas que mostramos; mas os aspectos aduzidos já dão uma idéia dos desafios que a o cultivo da fé tem diante de si – desafios no duplo sentido de obstáculo e de estímulo. Não é questão apenas de encontrar novas pergun-

⁸ Z. TRENTI, “Il processo ermeneutico”, *Catechesi* 70 (2001/3) 10.

⁹ M. SANTOS, *O País distorcido: o Brasil, a globalização e a Cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002, pp. 90-93: A normalidade da crise.

¹⁰ G. DIMENSTEIN, “Estão todos confusos”, *Folha de S. Paulo*, 11.6.1997, cad. 1, p.15.

¹¹ H. ASSMANN, *Metáforas novas para reencantar a educação*. Epistemologia e didática. Piracicaba: Editora Unimep, 1996, pp. 53-55.

tas e respostas para novos interlocutores: os próprios pressupostos de nosso processo de conhecer estão em crise e precisam ser reavaliados. Um pesquisador estima que estamos vivendo a primeira grande mudança cultural desde que foi inventada a escrita, mais de 5.000 anos atrás¹².

Estamos apenas começando a avaliar o impacto disso sobre as religiões e a própria fé; ainda não se nota resposta à altura na área catequética – planos, conteúdos, subsídios, organização. Não é tarefa simples: não se deve subestimar o peso do que “sempre foi assim” ou, para retomar a metáfora de T. S. Kuhn, a “paralisia do paradigma”. É o caso de aplicar à Catequese a pergunta e o *slogan* tão do gosto dos empresários: “O que é impossível hoje em nossa Catequese, mas, se pudesse ser feito, a mudaria radicalmente?” Na verdade, “O que hoje parece impossível, amanhã pode ser o normal”.

Alerta da necessidade de mudança é a própria terminologia usada na área catequética, desconcertantemente confusa, justamente porque nossa epistemologia tradicional tornou-se obsoleta. Por isso, para discutir a nomenclatura, convém primeiro contextualizar melhor o objeto de nossa ação em seu sistema maior. Neste artigo, para evitar a polissemia de conceitos básicos como catequese e pastoral, em geral usamos a designação descritiva *cultivo da fé*, propositalmente genérica.

Ainda estamos em fase de transição para a “normalidade da crise”, nos contrafortes da montanha; o encaminhamento para mudanças ainda bem maiores tem que ser planejado com cuidado pedagógico. Nos anos do Vaticano II e seguintes, por influência de João XXIII, era freqüente o uso da palavra *aggiornamento*, para designar a urgência de a Igreja *pôr-se em dia* em sua pastoral. O papa, que já fora professor de História da Igreja, conhecia o alcance do termo e a seriedade da tarefa: era preciso recuperar mais de quatro séculos de resistência à modernidade, acertando o passo com o mundo de hoje de maneira crítica mas solidária. Atualmente, estamos marcando passo em setores importantes. Na área do cultivo da fé, vejamos algo que pode ser feito de imediato, em micro e principalmente em macrodimensão.

Alguns cuidados em microdimensão

A Igreja local é a presença concreta e o rosto da Igreja Católica. Cabe-lhe atender necessidades e anseios imediatos de famílias e pessoas; ser presença profética; inspirar credibilidade. É na Igreja local que se verifica o grau de adequação das orientações da catequese à realidade; é dela que vem a inspiração primeira para a reflexão dos catequistas e teólogos. Por ter sido objeto normal da reflexão catequética, não nos detemos sobre o cultivo da fé nas bases; sublinhamos apenas três destaques pouco abordados, para passarmos logo a questões candentes da macrodimensão.

¹² M. DONALD, *Origins of the modern mind: three stages of the evolution of culture and cognition*. Cambridge: Mass. Harvard University Press, 1991. Citado por H. ASSMANN (1996) p.77.

Auto-avaliação da equipe de coordenação ou de formação

Uma equipe que se propõe reavaliar o sistema catequético em nível de coordenação, ou que programa a formação de catequistas, deveria primeiro reavaliar-se a si mesma: *Quem somos? Quais nossas crenças e valores? Nossa eclesiologia e comunhão eclesial? Nossos objetivos?* Quando um grupo perde de vista seu objetivo, acabará por transformar-se em causa para si mesmo; ficará estéril.

Interação e atualização da temática

Na maioria dos casos, os planos de ação catequística ainda priorizam, quando não absolutizam, os temas a serem desenvolvidos; esquecem o cerne de *Catequese Renovada*, a interação entre formulações da fé e inserção na vida sociopolítica e eclesial. Quanto aos temas: em geral, continuam a ser “comprimidos de teologia”, amenizados com fatos da vida; apesar de melhorias na apresentação, ainda seguem a metodologia pós-tridentina; tudo indica que nossa violenta mudança sociocultural sequer chegou a ser percebida. Aliás, não é de estranhar: será que é percebida na formação de catequistas e de seminaristas? As editoras têm sua responsabilidade por esse descompasso: com exceções, continuam publicando subsídios pouco preocupados com prioridades de hoje e cenários de amanhã.

Motivação

A atualização dos temas a serem abordados é indispensável, mas não basta. Todos já nos teremos perguntado: *hoje, por que alguém deixa determinada Igreja cristã, para aderir a outra? Por motivos doutrinários? Porque a nova opção é mais profunda e autêntica?* Dificilmente. Passa a frequentar aquela igreja porque *gosta*: por um conjunto de fatores, em geral superficiais, sente-se atraída por ela. Aí sim: vai tomando interesse por sua mensagem e exigências éticas, e as aceita sem críticas, basicamente porque se enturma na comunidade. É a “*identificação através de participação*”, em que o pastoralista Paul Zulehner tanto tem insistido¹³.

Tarefas em macrodimensão

Nos encontros de catequistas, fica claro que seus problemas são percebidos só na microdimensão. É importante ajudá-los a tomar consciência de quanto seus entraves devem à *macrodimensão*: centralismo que inviabiliza a inculturação, normas litúrgicas que seriam ridículas, não fosse a seriedade de suas entrelinhas; arbitrariedades, imobilismo e incompetência, falta de controle externo do poder (auditorias). Tudo isso, qual “currículo oculto”, afeta não só a tomada de decisões locais, mas a própria credibilidade da

¹³ P. M. ZULEHNER, *Teologia Pastorale*, 4 vols. Con la collaborazione di VV.AA. Brescia: Queriniana, 1992, aqui v. 1, p. 210. Trad. italiana. *Der Sonntag*, 14.9.2003, p. 11.

catequese. Em nosso País, a Igreja goza de confiança e respeito; mas, no que tange à doutrina, moral e normas disciplinares, é comum a impressão de ser ela uma instituição distante, mais preocupada em conservar chinesices do passado que em abrir caminhos para o novo. Enquanto na administração pública e privada multiplicam-se programas de qualidade, nada disso ainda chegou à área eclesial: *“o produto é bom; falta gestão de qualidade.”* Para muitos adultos e jovens, isso é motivo de rejeição da Igreja ou até da religião. Falamos das deficiências, por prejudicarem tanto; claro que há inúmeras benemerências da instituição, que repercutem positivamente nas bases. Toda essa problemática se faz presente com particular agudez na formação de catequistas.

As falhas estruturais não devem inibir nossa ação possível. Enquanto as bases sensibilizam-se e agem, será preciso promover também estratégias mais lentas e menos perceptíveis, em pontos nevrálgicos da catequese. Este artigo concentra a atenção sobre uma proposta viável, apta a obter certo consenso: *uma nova abordagem das mediações do cultivo da fé em seu conjunto, como “sistema”, com revalorização de cada uma das mediações.*

5. Nova abordagem das mediações do cultivo da fé

A floresta e as árvores

Estamos em tempo de visão sistêmica, com toda a carga de heterogeneidade que ela inclui; ainda mais neste gigantesco e paradoxal espaço multicultural chamado Brasil. Não se trata só de nova prática; nem mesmo de novo método. É um novo modo de pensar, novo estilo de vida: da lógica de fragmentação passamos à do *todo interligado*; da estrutura à do *processo*; da construção do conhecimento à da *rede em contínuo movimento* (cf. F. Capra). Não se suprimem abordagens setoriais, mas supera-se sua mera justaposição; as interconexões não excluem desordem, tensões, conflitos, “transgressões”, pois tudo isso faz parte do dinamismo da rede em movimento, complexa. No campo da educação formal, vão assumindo consistência práticas como inter e transdisciplinaridade, e “religação dos saberes” (Edgar Morin). Procura-se reformatar e reavivar o que foi fragmentado e degingolado artificialmente ao longo de séculos.

Também a área do cultivo da fé precisa urgentemente rever a departamentalização e justaposição de suas mediações e, a partir daí, sua nomenclatura, hoje inadequada. O assunto mereceria um artigo à parte; só podemos abordá-lo tangencialmente. Aqui, interessa-nos focalizar um aspecto de graves conseqüências: na modernidade, o *catecismo* foi tão supervalorizado, que o conjunto da formação católica ficou prejudicado;

em contrapartida, por efeito bumerangue, funções importantes do próprio catecismo ficaram esvaziadas, desgastando-o.

O alerta não é novo. Repetidas vezes foram recomendadas a pastoral de conjunto e a articulação de certas mediações. Entre muitos, lembremos Paul Tillich, 70 anos atrás¹⁴; o Vaticano II, Medellín, a estrutura da CNBB, suas Diretrizes Gerais e seus planos pastorais, *Catequese Renovada*, a junção de *Bíblia e Catequese* na mesma “dimensão”; catequetas como E. Alberich¹⁵. A possibilidade de articulação tem sido comprovada na prática de inúmeras comunidades; entre nossos biblistas-teólogos empenhados nessa linha, sobressai, há anos, o Pe. J. Konings SJ¹⁶. Agora, é tempo de pensar num projeto abrangente, capaz de levar adiante o que está tão bem encaminhado.

Em síntese, nossa tese é a seguinte: a fixação numa das árvores (catecismo) tem impedido de ver a floresta do cultivo da fé. Por não enxergarmos a floresta, não conseguimos dimensionar adequadamente cada uma das árvores, nem mesmo aquela que nos limitou a visão do conjunto. Daí, dupla tarefa para pastoralistas e catequetas: 1) *Articular o cultivo da fé como sistema*, a “floresta”. 2) *À luz do sistema, reavaliar e reestruturar seus componentes*, as “árvores”.

1) *Articular o cultivo da fé como sistema – a floresta.*

Estamos diante de uma vigorosa floresta, mas sua *complexidade* causa *confusão* (dois conceitos diversos!): fala-se, sem muita coerência, em evangelização, ação missionária, catecumenato, iniciação, catequese, formação. O *Diretório Geral para a Catequese* [DGC]¹⁷, nº 46, respaldado em *Evangelii Nuntiandi*, apresenta a evangelização como tarefa unitária, que “comporta vários aspectos intimamente conexos entre si”: “anúncio, testemunho, ensinamento, sacramentos, amor ao próximo, fazer discípulos”. Frisa que “os agentes da evangelização devem saber agir com ‘visão global’”. A mesma recomendação de unidade no processo volta nos nº 51, nota 61, e nº 72. Já nos nºs 49 e 51, nota 64, o processo evangelizador é

¹⁴ P. TILLICH, *La dimensión perdida: indigencia y esperanza de nuestro tiempo*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1970. [Original alemão de 1962].

¹⁵ O conhecido catequeta tem insistido no assunto em diversos escritos. Em português, ver E. ALBERICH, *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. Adaptação para o Brasil e a América Latina: Luiz Alves de Lima. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

¹⁶ Ver, entre outros, *Espírito e Mensagem da Liturgia Dominical*, Petrópolis: Vozes, 1986, atualizado e ampliado em: *Liturgia Dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis*, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. *Ser Cristão: Fé e Prática*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 2004.

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório geral para a catequese*, 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

estruturado em etapas, de acordo com diversas situações dos destinatários: ação *missionária*, para os não-fieis e para os que vivem na indiferença religiosa; ação *catequética* e *iniciação* para os que optam pelo Evangelho e para quem necessita completar ou reestruturar sua iniciação; e ação *pastoral* para os fieis cristãos já maduros, no seio da comunidade cristã. Entretanto, o DGC lembra, logo a seguir, que não se trata de etapas concluídas; elas reiteram-se, se necessário. A posição do documento não está clara. Ele chega a reconhecer que, “na prática pastoral, (...) as fronteiras entre [primeiro anúncio e catequese] não são facilmente delimitáveis” (nº 62). Trata-se de evidente litotes; de fato, que quer dizer “primeiro” anúncio? “Hoje é o primeiro dia do resto de minha vida”! Principalmente, não será temerário tentar discernir a maturidade cristã de um fiel? Quem fará isso? Com que parâmetros? Não seria preciso analisar primeiro a “outra ponta”, o modo como a Igreja apresenta-se, e só depois verificar como a pessoa reage a *isso*? E não há o perigo de colocar o institucional acima dos valores do Reino?

Como, então, realizar a interligação efetiva das diversas mediações de nossa vida cristã?¹⁸ No mundo pluralista, é impossível organizar o cultivo da fé de tal modo, que haja grupos específicos para cada situação. Salvo alguns casos, nem seria desejável, pelo risco de injustiça ou discriminação. Será, então, problema sem solução? Não: no nº 69, ao falar da educação permanente da fé¹⁹, o DGC revela o segredo: acompanhamento por parte da comunidade de fé – no Brasil diríamos, menos utopicamente: imersão na comunidade. Isso, sim, funciona, e mereceria ser desenvolvido mais no documento. Tracemos algumas linhas a respeito.

A Comunidade eclesial, lugar da articulação das mediações

Por mais que eu esteja familiarizado com o mapa de uma cidade, só posso dizer que conheço o lugar depois que o visitei, andei por suas ruas, tive contato com o calor humano de sua gente; o mapa me fornecerá indicadores de conjunto, conexões e distâncias, orientação e direção, enfim, visão de síntese. Assim também, nenhum conhecimento da doutrina católica substitui a experiência na comunidade eclesial. Ela é ponto de encontro, onde se entrecruzam a catequese e um sem-número de seus atores: família e amigos, política, trabalho, lazer, outras religiões, mídia. Expostos continuamente a valores outros, encontramos na comunidade experiência vital e síntese – um referencial para a interpretação cristã da vida; um espaço educativo por imersão, situado no “território”, mas dele distinto em muitos valores e crenças.

¹⁸ O assunto interessa também em vista da reorganização teórica e curricular dos cursos de teologia e catequética.

¹⁹ Mesmo nossa 2ª edição, corrigida, do *Diretório*, ainda contém erros de tradução. Nesse nº 69, no cabeçalho e no texto, evidentemente devia ser, como na edição italiana, “educação **da** (e não “**a**”) fé”; idem no nº 51 e nota 64.

A comunidade proporciona acolhida, solidariedade, respeito pelo diferente e imperfeito. Ali se respira o espírito da Bíblia, a Tradição viva da Igreja; o “bom senso cristão”, e o consenso que ele cria sob a guia do magistério episcopal; contribuem a isso o posicionamento evangélico no sociopolítico, a profundidade e veracidade das celebrações, o profetismo, a espiritualidade, o testemunho de fé esperançosa, principalmente dos pobres e excluídos.

Um aspecto importante, em geral esquecido: aludimos acima à ojeriza, não totalmente gratuita, que muitas pessoas sentem hoje pelas grandes instituições. Ora, as instituições são indispensáveis, chamadas, como são, a organizar seu setor, zelar por sua coesão, dar apoio, segurança, horizontes; manter viva a comunhão com a Igreja universal, promover a justiça. Por outro lado, temos que reconhecer que é difícil para uma instituição satisfazer todos os anseios, pois ela tem que gerir, entre outros, os processos de *socialização* e de *educação*, o que implica, ao mesmo tempo, em *conservação* e *inovação*. Uma comunidade sadia proporcionará imagens balanceadas dos méritos e limites das instituições.

Na comunidade, a recepção dos serviços oferecidos a todos é personalizada, como a mesma corrente elétrica alimenta geladeira, forno e rádio. Para uns, a experiência de comunidade eclesial torna-se “primeiro” anúncio, para outros catecumenato, aprofundamento, ou formação permanente. Fator de identidade católica para todos é a participação ativa, de acordo com os dons de cada um: liturgia, eventos ou festinhas, visita a doentes ou formação de lideranças. Convidada a participar, a pessoa sente-se valorizada, e pode viver por dentro esta Igreja pecadora e santa; normalmente, sente-se então despertada para aprofundar a mensagem cristã e suas formulações na liturgia, na Bíblia, no catecismo – as sínteses. E as falhas? São convocação ao empenho por sua superação ou compreensão; podem tornar-se “tropeço que empurra para frente”. O conjunto de tudo isso resulta em cultivo da fé.

Embora não estejam no mesmo nível eclesial, não podemos esquecer os movimentos, associações e grupos de Igreja que hoje atraem a tantos; e ainda, fragmentos de experiência cristã como colégios católicos, eventos, movimentos ecumênicos, meios de comunicação e difusão. Na medida em que agem em sintonia com a Igreja local, podem ter papel relevante.

O modo como as pessoas vivenciam a Igreja demarca o processo de sua formação católica: é espaço hermenêutico, que plasma sua imagem de *Jesus Cristo* e da *missão* que ele nos confia; como consequência, também seus conceitos de *Deus*, *revelação*, *religião*, *Igreja*, *graça*, *sacramentos*, *moral*, *vida eterna*, *relação com o mundo*. Inevitavelmente, a variedade de vivências eclesiais provoca diversidade de enfoques teológicos; é um dos motivos por que, desde o início, a Igreja esteve sujeita a tensões e conflitos. É tarefa formativa da comunidade trabalhar essa diversidade.

Em suma: a experiência mostra que a comunidade eclesial consegue proporcionar as diversas mediações de *cultivo da fé* de maneira vivencial, global, ao mesmo tempo realista e profunda. Cada pessoa é atingida, sem

artificialismos, na medida certa, conforme suas necessidades, desejos, disposição. A comunidade eclesial é, junto com a família e para além dela, o lugar formativo do católico. Na voz autorizada de Medellín

(...) a comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e desenvolvimento.²⁰

Ausências

Quando há empenho em articular as mediações do cultivo da fé, a visão de conjunto não tardará a identificar a ausência, ou timidez, de algumas. Assim, na vida agitada, complexa, insegura, de hoje, as pessoas têm sede de vivências religiosas profundas, interiorizadas: têm sede de uma *mística*. E a *Patrística*? Às vezes é citada, mas de modo fundamentalista, por frases isoladas; seria importante apresentar a Patrística na variedade de seu pensamento, suas limitações e seus aportes, seu espírito e sua importância²¹; sem esquecer a vigorosa “patrística” dos nossos dias: de pastores identificados com as ovelhas, que vivem e morrem pela justiça do Reino; pastores frequentemente convertidos na convivência com as comunidades eclesiais.

Ausência imperdoável é a do *Direito Canônico*²². O Código é nossa lei maior, importante síntese de nossos direitos e deveres, defesa contra arbitrariedades; na qualidade de poder moderador e de regulador da vida social, é elemento imprescindível da convivência eclesial. Faz parte da educação à “cidadania eclesial” e, portanto, da catequese, conhecer e valorizar as normas do Direito Canônico. Dos 1.752 cânones, mais de 120 dizem respeito a todos os fiéis ou diretamente aos leigos (como os cc. 224-231); muitos outros são de interesse geral²³. Os cc. 773-780 tratam da formação catequética; embora certas expressões sejam desatualizadas, as linhas gerais apontadas merecem atenção. Valioso também o Prefácio da obra, principalmente quando trata do espírito com que as normas devem

²⁰ CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões de Medellín*, 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 1973. Documento 15, *Pastoral de Conjunto*, p. 152s.

²¹ Cf. *Connaissance des Pères de l'Église* 91 (sept. 2003).

²² Embora no texto do *Catecismo* ocorram mais de 200 citações do Direito (latino e oriental), este não consta nas 126 páginas de seu Índice Analítico; tampouco no farto Índice Temático do DGC; nem entre os 137 verbetes de PEDROSA / NAVARRO / LÁZARO / SASTRE (dir.), *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004.

²³ Ver V. PARLATO, *I diritti dei fedeli nell'ordinamento canonico*, Torino: G.Giappichelli Editore, 1998. J. J. A. LOPES, “Direitos e deveres dos fiéis cristãos. (Apontamentos)” in 18º Encontro da Sociedade Brasileira de Canonistas e 20º Encontro dos Servidores dos Tribunais Eclesiásticos do Brasil. Brasília, 9-16 de julho de 2003. Mimeogr.

ser aplicadas (3º princípio), da subsidiariedade e descentralização (5º princípio)²⁴ e da garantia dos direitos subjetivos (7º princípio). A vida da Igreja tiraria grande proveito do diálogo do Direito com a Catequese e as outras mediações do cultivo da fé.

Como apoio ao aprofundamento das mediações eclesiais, temos as mais diversas *ciências e artes*, cada qual com sua riqueza de contribuições. Também aqui, haveria surpresas: insistimos na importância da *História*, tanto da Igreja como da Catequese; e com razão: como testemunho da presença bondosa de Deus em nossa caminhada, essa História catequiza – *é catequese*. Mas, por que nunca se menciona e estuda o que seria uma *Geografia* da Catequese?²⁵ Outro destaque seriam as mediações de *índole política*. Finalmente, seria da maior importância estabelecer o trânsito entre essas mediações eclesiais e a formação da “religiosidade”, ou *Educação Religiosa*, como veremos.

O DGC, nos n.ºs 265. 268-277, traz boas indicações práticas, sobre a organização da Catequese no conjunto da Pastoral. Valioso o final dos n.ºs 272 e 273: coordenação e articulação, na Catequese, não são meras estratégias, mas têm dimensão teológica de fundo; visam a unidade da fé que, por sua vez, sustenta todas as ações da Igreja.

2) À luz do sistema, reavaliar e reestruturar cada uma das mediações – as árvores

Liturgia, Bíblia, 20 séculos de tradição viva, testemunho de vida dos santos e santas, bom senso cristão dos fiéis, empenho sociopolítico, magistério episcopal: quanta riqueza para orientar e alimentar nossa vida! Na sociedade pluralista, não podemos esperar que todos os fiéis sintam-se motivados pela mesma mediação, ou a considerem prioritária – habitualmente ou em dada fase de vida. Pessoas diversas sob tantos pontos de vista encontram caminhos e ritmos diversos no misterioso processo de seu caminhar na fé, ou rumo à fé. O importante é que todos os caminhos conduzam à meta²⁶. Ora, sem articulação “em rede”, e sem projeto comum prioritário, dispersamos o potencial dessas mediações: não se atinge a sinergia prevista; e cada mediação corre risco de se desviar do evangelho – de um lado por hipotrofia, como rotina, banalização, uso mágico; de outro, por formas de hipertrofia que parecem beirar a idolatria. Por amostragem seletiva, vemos como reavaliar e revalorizar a liturgia ou celebração e o catecismo.

²⁴ J. C. ORSI, “O princípio da subsidiariedade e a sua aplicabilidade no livro V do Código de Direito Canônico”, *Revista de Cultura Teológica* 11/44 (2003) 101-116.

²⁵ Estamos com um anteprojeto em andamento.

²⁶ Como exemplo, cf. V. CODINA, “Credo oficial e credo popular: a propósito da centralidade de Maria na fé popular”, *Perspectiva Teológica* 22 (1990) 339-350.

Festas e celebrações

O modo mais apropriado para abordar de modo respeitoso e isento uma religião é, provavelmente, a partir da comunidade que celebra o culto e, nele, vive a experiência do mistério de Deus e da vida. Para nós católicos, é ali que vivenciamos tudo o que recebemos de Deus, e tudo o que temos a graça de lhe devolver. A Igreja cristã sempre deu especial importância a esses momentos fortes em que se entrelaçam responsabilidade humana e graça de Deus, sofrimento, esperança e alegria. Para o nosso objetivo, interessa focalizar especialmente a dimensão catequética da festa e celebração. Nesse ponto, temos muito a aprender do judaísmo, das religiões afro-brasileiras e dos índios, que têm no culto o centro de sua fé e de sua educação na fé (*Candomblé* significa *oração!*): o ritual é celebrado com espontaneidade; não é espetáculo: é festa, participada desde a preparação²⁷.

Dimensão catequética da celebração

A celebração é ação da **comunidade**, fator relevante neste tempo de religião *self-service* e *fast-food*, privatizada. Congrega e socializa; convida à participação e ao engajamento; a viver a fé nas expressões da cultura local.

É **confissão da fé** em forma de **oração**: por palavras, música, silêncios, gestos e posições. As principais formulações litúrgicas são **cantadas**, reforçando seu valor expressivo. Não analisa: sensibiliza, envolvendo **todos os sentidos**. Não esquece problemas e alegrias, temores e esperanças do dia-a-dia; mas ajuda a encará-los com senso de **gratuidade**, de **esperança** que anima sem alienar. Imperceptivelmente, constitui **resistência** e antídoto a tendências anti-evangélicas difundidas na sociedade: individualismo, primado do lucro e da eficiência, dominação, contrafação do sagrado.

Alimenta com a **Escritura**, na liturgia da palavra e ao longo de toda a celebração. Ensina a saborear a Bíblia, a estabelecer diálogo entre ela e a vida. Em grande parte, a Bíblia surgiu a partir da celebração; na comunidade que celebra, a Bíblia está em casa.

A celebração oportuniza experiência de fé nos **momentos mais diversos** da vida: pensemos no ano litúrgico, nos sacramentos e sacramentais – cada um com rosto próprio; nas festas e comemorações de santos e santas. A liturgia dá o devido destaque à centralidade do **mistério pascal**, nele inserindo os demais grandes mistérios da fé e a memória de **Maria Santíssima e dos santos**; desse modo, evita que elementos periféricos desfocalizem o essencial.

Carregada de simbolismo, a celebração fala a **linguagem** que mais respeita o mistério, de Deus e nosso: está aberta a sempre novos horizontes. Nada melhor que a celebração para alimentar o **memorial** dos feitos de Deus no

²⁷ H. COX, *A festa dos foliões*. Petrópolis: Vozes, 1974. J. C. N. RIBEIRO JÚNIOR, *A festa do povo: pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

passado, presentes também a nós no rito e na palavra: é o solene *hoje* que a liturgia diz. Mesmo sem o explicitar, todo símbolo tem um quê de **escatológico**: aponta para o além, desperta desejo de atingi-lo, introduz a ele, sem jamais alcançá-lo plenamente. Assim, a celebração abarca passado, presente e futuro nessa atmosfera de graça divina que a envolve.

Ritos relativamente sóbrios e estáveis favorecem a serenidade da celebração, dão certa segurança aos participantes, reforçam o senso de coesão e de identidade; constituem uma experiência particularmente valiosa num país de freqüentes migrações internas como o nosso.

A festa é espaço educativo de extraordinária incidência na vida. O dia-a-dia do povo é duro, monótono até em sua crueldade. O futuro? Melhor não esquentar a cabeça com ele. Por alguns momentos, **a festa quebra o esquema**: os pequenos unem-se e se organizam; o pessoal respira, brinca, ri, esquece. Vive. Assim fazendo, sem mesmo dar-se conta, resiste, subverte, dá lições de vida.

Celebração e festa constituem catequese prazerosa, motivadora, profunda, que nos acompanha **ao longo da vida**; são a catequese melhor e mais eficaz. Ao longo dos mil anos de Idade Média, quando outras mediações importantes falharam, ela continuou a cultivar e irradiar a fé; em muitos lugares, o faz ainda hoje. Mais que o catecismo, a celebração merece estar no centro de nosso cultivo da fé. Na prática, devido a riscos e desmandos, nem sempre é isso que se vê; um motivo a mais para a zelarmos com carinho.

Catecismo

A celebração ocupa posição de destaque em quase todas as religiões; a vida católica seria impensável sem ela. Não assim o catecismo: é típico do cristianismo; assim mesmo, não em todas as Igrejas. A Igreja católica teve um catecismo oficial só nos últimos 450 anos; é nesse período que a instituição eclesiástica o colocou no centro da ribalta catequética, praticamente identificado com a catequese *tout-court*. Foi uma promoção artificial; principalmente desde meados do século XX, despertou oportunos questionamentos: Que é um catecismo: um compêndio da doutrina católica? Qual sua função básica? Vamos por partes.

Precisamos de um compêndio da doutrina católica

A síntese intelectual de nossas vivências não é única, nem completa. Para expressar e penetrar a profundidade da existência humana e o mistério da fé, a celebração leva imensas vantagens: pois a corporeidade consegue consciência mais ampla da realidade e atinge a pessoa em sua inteligência, vontade e sensibilidade. Grande parte de nossa população pensa e fala não em forma de síntese racional, mas através de engajamento e solidariedade,

celebrações, oração, através de casos vivenciados e narrados. É verdade: “nossas palavras humanas permanecem sempre aquém do Mistério de Deus”²⁸.

Por outro lado, a atual explosão de culturas e de ofertas religiosas, torna necessária uma **síntese doutrinal do que a Igreja crê e ensina em questões de fé e de moral**; síntese que, com autoridade, delimite nossa fé em relação à de outros grupos religiosos e, o que mais importa, sirva de referência para a vida dos fiéis. Essa síntese terá que proceder com respeitosa humildade: mapear detalhadamente nossa caminhada de fé pode induzir a um falso clima de “chegada”; uma das grandes tarefas da catequese é justamente manter viva a “dinâmica do provisório” da fé; alimentar sua dimensão de expectativa escatológica. Um bom compêndio da doutrina esclarece, faz pensar, mas também questiona; eventualmente, educa a esperar que a questão amadureça.

Basta semelhante compêndio da doutrina? Ele se identifica com um catecismo?

Distinções. Em ambiente de cristandade, o compêndio de doutrina era síntese teológica da fé assimilada na liturgia e por socialização. Hoje, precisamos de muito mais que isso. Sonhamos com um livro interessado não apenas em desenvolver um esquema doutrinário, mas antes de tudo em auscultar a riqueza de experiência, questionamentos e motivações de nossas irmãs e irmãos de caminhada e, a propósito dessa experiência, em ir descortinando a mensagem cristã, na convicção de que experiência e mensagem em interação têm valiosas contribuições a dar. Resultará um como guia do “caminheiro” católico.

O catecismo terá que valer-se do compêndio da doutrina: com sabedoria, educará a ouvir, enxergar, saborear, partilhar, celebrar o que as fórmulas sintetizam. Introduzirá ou situará as pessoas/famílias na comunidade eclesial, com suas atividades e necessidades, suas fraquezas e riquezas. Na comunidade, junto com os irmãos, o cristão será motivado a seguir Jesus Cristo, primeiro na prática e, aos poucos, conhecendo e aprofundando a mensagem. Ficará claro que experiência comunitária é feita não só de conhecimentos, mas antes de tudo de testemunhos, percepções, vivências, e de bom instrumental para interpretar tudo isso de maneira cristã. O discípulo de Jesus aprenderá a descobrir o valor da Tradição. Aprenderá a linguagem de nossa fé. Nem tudo na vida está claro; como o compêndio da doutrina, também o catecismo há de ser impulso a aprofundar o questionamento; estimulará a coragem de crer, duvidar, de esperar que as respostas amadureçam. A fé tem outro tipo de dúvidas e de certezas. O catecismo ajudará o fiel a encontrar orientação, sentido, esperança, alegria cristã.

²⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes e.o., s/d [1998] n° 48.

O catecismo é irmão do compêndio da doutrina, mas difere dele: em prioridades, conteúdo, seqüência, tom, linguagem. Embora tecnicamente possível, não convém reunir os dois num só livro. Não só. O pensamento sistêmico pós-moderno estimula-nos a encontrar para o catecismo um papel ainda inexplorado. Para sublinhar a importância desta que é, provavelmente, a função mais importante do catecismo, e para que o pensamento fique claro, comecemos com um rápido *flashback*.

Fé em movimento: *flashback*.

Desde suas origens, Israel está “*em movimento*”. Sua experiência fundadora é a do êxodo, conservada e transmitida na memória do povo principalmente através da Aliança, da celebração pascal, da oração. Para o israelita, viver é caminhar; crer é seguir o caminho certo da justiça. Por mais que à frente tudo pareça escuro, caminhar assim dá segurança, pois o Senhor sempre “estará aí” (JHWH). Até no momento mais amargo para a nação, quando tudo parecia perdido, despontou a esperança de um novo êxodo.

A Bíblia documenta esse dinamismo não só em seu conteúdo incrivelmente movimentado, mas no próprio processo de sua formação. De per si, um texto escrito tende a fixar a mensagem. O judaísmo dinamizou suas Escrituras através de releituras que atualizam textos anteriores (*midrash*). O fato está documentado na própria Bíblia; continuou através de variadas reinterpretações orais por parte de Mestres autorizados (“Torá Oral”, tão prestigiada quanto a Escrita); não é uma pesquisa acadêmica, e sim um agir vivo e sempre em renovação, fruto da fé. A partir do século II/III d.C. foi permitido recolher por escrito essas interpretações (*Mishnah*, depois *Talmude*). Junto com o culto e as observâncias, a Escritura atualizada é o coração do judaísmo, defesa de sua identidade e coesão, mesmo nas piores crises.

Jesus e seus discípulos mantiveram esse sistema: a Palavra de Deus nos chega através da Escritura e da Tradição oral que, em parte, passou a ser também redigida. Em vez dos Mestres da Torá, a Igreja dos tempos apostólicos viu em Jesus Cristo seu único Mestre, presença viva da Palavra de Deus. A comunidade dos discípulos, sob a autoridade de seus pastores, tem procurado passar adiante essa Tradição de maneira fiel e dinâmica; bem cedo passou a condensar em breves fórmulas o essencial de sua experiência e reflexão de fé. Tinha boas razões a Igreja para, ainda no século I, tomar o nome de *Caminho* (At 9,2; 18,25s; 19,9.23; 22,4; 24,14.22). Essa genial sistemática do judaísmo e da Igreja das origens está à nossa disposição até hoje; mas nem sempre a aproveitamos suficientemente. Acompanhem isso, em poucas palavras.

Lições de Trento

No Brasil, como em muitas outras regiões, salta aos olhos a vitalidade da leitura bíblica, principalmente nas comunidades eclesiais e nos círculos

bíblicos: lida no contexto do aqui e agora, ela sustenta a caminhada das comunidades e das pessoas. À medida que lhe tiramos o gesso, também a liturgia irradia e aprofunda a mensagem cristã em nosso hoje. E o catecismo? Atualmente, é o menos prestigiado justamente naquela função em que seu papel é fundamental.

Os fiéis precisam dispor de uma “regra e profissão de fé” clara e razoavelmente breve, fácil de guardar na mente e no coração, capaz de orientar e impulsionar sua vida pessoal e eclesial; um quadro de referência da identidade católica²⁹. É para isso que surgiram formulações da fé, ora breves, como o Credo, ora mais desenvolvidas, inspiradas na Escritura e na Tradição; são maneiras de ouvir no hoje de cada geração o impacto da Palavra de Deus. Foi o que o Concílio de Trento quis providenciar, de maneira exaustiva e com a ajuda da recém-inventada imprensa, para fazer frente à forte mudança socioeconômica da sociedade européia no começo da modernidade, e à crise da Reforma Protestante.

O Catecismo Romano era doutrinário, enfatizando os temas em debate. Destinado aos párocos, foi recurso de emergência, louvável pelo zelo e rapidez com que foi aplicado. Mas não teve em conta a mudança cultural em andamento; foi incapaz de dialogar com ela; pelo contrário, reforçou atitudes com razão denunciadas por cristãos descontentes com Roma, como clericalismo e autoritarismo, enfoques, métodos e linguagem da escolástica; quis apagar o incêndio com gasolina. Nos séculos seguintes, a obra foi imitada por numerosos catecismos locais, menos sólidos que a matriz. Criou-se, assim, um paradigma que, com pequenas mudanças, vigorou por séculos, sem ser questionado. Pior: na prática, confundiu-se catequese com o estudo do catecismo – seu cognato de criação posterior.

A atual metamorfose de nossa sociedade traz desafios mais exigentes que nunca para a catequese. Também desta vez, Roma reagiu prontamente, publicando o *Catecismo da Igreja Católica* (1992/1997) [CIC], pautado sobre o de Trento. Faz questão de ser uma exposição completa e integral da doutrina católica³⁰, referência oficial para toda a Igreja, matriz para os indispensáveis catecismos locais. É um instrumento de valor; no seu uso, porém, será preciso evitar que se repitam os erros da época tridentina e pós-tridentina³¹.

Nova tarefa

Desde a Constituição Apostólica *Fidei Donum* [FD], que o apresenta, fica claro que o CIC é, antes de tudo, compêndio da doutrina; muitos catequetas,

²⁹ A. N. TERRIN, *op. cit.*, pp. 392-405.

³⁰ Cf.: JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Laetamur magnopere* (1997), com a qual a edição típica latina da obra é aprovada e promulgada.

³¹ Avaliação crítica em W. GRUEN, *O Catecismo da Igreja Católica e a nossa catequese: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

de diversas partes do mundo teriam preferido que fosse esse o seu nome oficial. Em todo caso, o Papa insiste também na importância dos *catecismos locais* (no final da FD, fala deles 3 vezes em meia página); a eles, o DGC dedica 8 substanciais páginas (n^{os} 131-136), que não vamos sequer sintetizar. É dos catecismos locais que agora esperamos a realização das funções de um verdadeiro catecismo.

Nesse contexto, interessa-nos sublinhar uma importante tarefa que o catecismo nunca foi convocado a exercer: a de *articulador inculturado e sempre atualizado das mediações* do cultivo da fé – da catequese, artificialmente fragmentada por nossa organização cartesiana da pastoral. Como vimos, a imersão na comunidade eclesial providencia a prática dessa articulação; mas ela exige também embasamento teórico, reflexão; é onde entra o papel articulador do catecismo. Exemplifiquemos como ele pode realizar isso.

* O catecismo local, em comunhão com toda a Igreja, se orientará continuamente pela *realidade da população* e pelas grandes *opções da Igreja em nosso continente*.

* Quanto à *liturgia*, sublinhe sua importância; zele por sua coerência com a vida; promova sua inculturação; ajude a reverter sua nada evangélica sacerdotalização; introduza a seus símbolos e ritos, à sua linguagem, ao mistério, à espiritualidade.

* Mostre como ler e como não ler a *Bíblia*; sendo livro sagrado, ela é imexível: o catecismo deverá atualizar oportunamente sua mensagem; revelar sua riqueza e como melhor aproveitá-la; principalmente, o catecismo há de inspirar-se no espírito da Bíblia, encaminhar a ela e, através dela, à comunidade e suas celebrações. Não fará da Bíblia um repertório fundamentalista de “frases de respaldo” (*dicta probantia*) ou de polêmica.

* Quanto ao *Código de Direito Canônico*, cabe ao Catecismo mostrar suas funções e seu espírito, bem como acentuar a importância do institucional na Igreja.

*O catecismo não dispensará a *educação da “religiosidade”*, relevante para pessoas de qualquer crença ou descrença, em qualquer nível da fé (cf. abaixo).

Semelhante religação das mediações do cultivo da fé, produzirá *sinergia* – que é mais que mera soma de forças: as múltiplas interações aumentam consideravelmente o potencial do conjunto, reduzem desperdício de forças, exageros e unilateralidades, preenchem lacunas. Ou seja: o Catecismo convida todas as mediações a se darem as mãos, e organiza o grande mutirão do cultivo da fé.

Nos dias atuais, ainda incumbe ao catecismo uma função particularmente desafiadora, porque situada na areia movediça da inculturação na pós-modernidade. Precisamos de pontes que facilitem o trânsito entre dois paradigmas, à primeira vista irreconciliáveis, no que diz respeito à identi-

dade católica: de um lado, a *pós-modernidade*, mais interessada na construção pessoal do presente e do futuro do que na fidelidade a um passado fundador e suas subseqüentes estruturas e codificações; mais empenhada em descobrir e fazer a verdade em nosso hoje do que em transmitir uma verdade recebida dos que nos precederam. Do outro lado, nosso *Magistério episcopal*, empenhado em conservar a identidade católica dos fiéis, zelando por essa verdade de maneira ortodoxa e integral, vendo nesse respeito à História algo de substancial de sua identidade. Um catecismo atualizado pode superar aparentes divergências, aprofundando com fé e espírito crítico cosmovisões e conceitos que estão à sua base. Trata-se de um novo horizonte de nossa tantas vezes repetida interação entre formulações da fé e vida. O catecismo é chamado a ser porta-voz da tradição viva da Igreja, o nosso *Talmude*, e, como tal, estimular a Igreja a continuar sendo *hodós*, fé a caminho. Isso supõe, de tempo em tempo, novas edições atualizadas – impressas, em DVD, na internet.

Um catecismo assim, capaz de imbricar sistemicamente as diversas mediações, iniciar a elas e ajudar a aprofundar seu sentido, seguramente será mais valorizado que antes; agora sim, como valioso fermento renovador da Catequese³².

Catecismo e Catequese são a mesma coisa?

Por contingências históricas, reforçadas pela etimologia comum, de Trento para cá, esse equívoco firmou-se no imaginário popular; confundiu-se o sistema com uma de suas mediações. Na segunda metade do século XVIII, quando o Catecismo entrou no currículo da escola obrigatória para todos, também o Ensino Religioso Escolar passou a participar dessa pseudo-identificação. Hoje, por tudo que vimos refletindo, o equívoco não se sustenta mais. É tempo de pôr clareza na área.

Na América Latina, uma série de aberturas propiciaram aos fiéis o reencontro pessoal, forte, deslumbrado, com a Bíblia. Foi amor à primeira vista. Medellín e a CNBB oficializaram nossa prática de centrar a catequese na *comunidade eclesial*, alimentada pela *Bíblia*, em vista do *compromisso* transformador da sociedade, e cobrando força na *celebração*. A mudança chegou em boa hora: na *pós-modernidade*, em que os meios de comunicação atuam na base do “fragmentado”, a celebração penetra o nosso ser mais que o catecismo; o livro à altura dos tempos é a Bíblia, tão fragmentada em sua unidade, capaz de gerar sempre novas imagens, com sempre novos “efeitos especiais”; é a comunidade eclesial que dá a esse conjunto

³² O DGC 136, no parágrafo final da II Parte, dedicada à *Mensagem Evangélica*, exagera quando diz que “*O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais, 1...1 são chamados a ser o fermento renovador da catequese na Igreja*” (sublinhado meu – a edição original, italiana, também traz esse artigo definido, inaceitável); da mesma forma DGC 284, pouco antes do final da V e última parte, afirma: “*No conjunto dos instrumentos para a catequese sobressai os Catecismos.*” O que sobressai é a Bíblia!

de fragmentos uma unidade com aspectos sempre atualizados nas novas situações. Esperemos que, quanto antes, tenhamos um *catecismo* afinado com essa pastoral, e seu promotor.

*Uma urgência nova: Educação da Religiosidade*³³

Há 20 séculos, a Igreja está empenhada em educar seus filhos à ou na fé. Desde o início, distingue-se também pelo zelo, nem sempre tempestivo, em “converter” os outros. Mais recentemente, o espírito ecumênico abriu-nos à acolhida do “diferente”; mas ainda de modo “seletivo”. Enquanto isso, silenciosamente, cresce o número de pessoas que crêem em Deus, sem professarem uma religião; ou são indiferentes, afastados, nômades espirituais, ateus; esses nossos irmãos costumam ficar fora de nosso horizonte, com prejuízo para ambas as partes. É tempo de levarmos a sério não só seus questionamentos, mas também os ensinamentos que podem proporcionar-nos.

Uma das primeiras condições para isso é não limitarmos nossos esquemas ao institucional, ao intelectual; é também uma das primeiras lições: o ser humano busca a Deus por vários caminhos; e o aceita não só com a mente, mas com todo o seu ser (Dt 6,5). Essa questão diz respeito não apenas a indivíduos, pois nos envolve a todos: hoje a busca religiosa não passa necessariamente pelas religiões³⁴; ninguém tem o monopólio da “religiosidade”. Uma situação típica: devido à sua institucionalização, as hierofanias tradicionais podem sofrer alto grau de ideologização, virar um sistema fechado, não mais ligado a nenhuma experiência religiosa atual; passam então a ser obstáculo às exigências atuais da experiência de fé. O mesmo se dá quando o veículo cultural da experiência religiosa original não consegue dar sustentação aos conteúdos típicos da atual experiência de fé³⁵.

Por essas e outras, religião sem religiosidade e religiosidade sem Deus deixaram de ser situações raras. Em notável aula inaugural, o teólogo Juan Martín Velasco traçou uma “hipótese de interpretação” que merece atenção³⁶. O título, *Metamorfose do sagrado*, já diz de que se trata; a palavra-chave é *metamorfose*. A religião cristalizou-se num sistema de mediações – crenças, práticas, constelações de símbolos, normas e comportamentos

³³ W. GRUEN, “Ensino Religioso Escolar”, in PEDROSA / NAVARRO / LÁZARO / SASTRE (dir.), *op. cit.*, pp. 411-421.

³⁴ Interessantes três artigos de *Le Monde Diplomatique* na Internet: Florence BEAUGÉ, “Vers une religiosité sans Dieu” (Sept. 1997); Dominique VIDAL, “La France des ‘sans-religion’” (Sept. 2001) e *Ibidem*, “L’Eglise à rebrousse-poil”.

³⁵ Cf. G. MILANESI, “La crisi di socializzazione ed educazione religiosa dei giovani”. *Note di Pastorale Giovanile* 1987/8 5-9, aqui, p. 6.

³⁶ J. MARTÍN VELASCO, *op. cit.*, na nota 1, pp. 127-146.

éticos, sentimentos, configurações institucionais; esse sistema foi-se configurando talvez desde o “tempo-eixo”, em que nasceram as grandes religiões universais. O que entrou em profunda crise, pondera Martín, é justamente esse sistema de mediações em que se cristalizou a religião. Nas atuais transformações sociais, a necessidade de transcendência que o ser humano experimenta está gerando, como que às apalpadelas, novas configurações religiosas. Categoria fundamental para interpretar os fenômenos religiosos é o sagrado; ora, na história das religiões houve incontáveis variações, mas poucas *metamorfoses* do sagrado. A atual metamorfose está mudando o horizonte e, portanto, o sentido de todo o conjunto: a nova religiosidade tem seu próprio sistema de mediações, não mais prescritas por intervenção divina, de fora. Ao lado dos que praticam uma religião tradicional, ou mais ou menos renovada, e dos que se dizem não-crentes, vemos também os que conservam ou recuperam uma referência ao vocabulário e ações do sagrado, mas invertem seu sentido: resulta uma religião sem Deus, ou do homem divinizado – mas na imanência intramundana. Entre as causas dessa situação complexa, Martín aponta a incapacidade das instituições religiosas de responder às novas demandas de sentido.

Não só as religiões, mas os próprios conceitos (plural!) de religião estão sofrendo mudanças substanciais. Ninguém se iluda: a “metamorfose do sagrado” e o pluralismo religioso fazem-se sentir também em ambientes católicos, atingindo, sem alarde, seminaristas e agentes de pastoral, mesmo ordenados. Mais: os caminhos da vida não são lineares; incluem surpresas e reinícios em qualquer idade.

Entre nós, esse questionamento começou a ser abordado, metódica mas timidamente, no fim dos anos 60, no âmbito do Ensino Religioso Escolar, então em salutar crise de identidade. Após anos de experimentação e reflexão, foi-se desenhando uma Educação Religiosa Escolar cujo objeto é, não o ensino de uma ou mais religiões, mas a educação básica dos pré-requisitos para toda opção de um projeto de vida. Enquanto não encontrarmos termo mais adequado, inspirados em Tillich³⁷, tomamos *religiosidade* e *religioso* como *disponibilidade dinâmica da pessoa ao sentido fundamental [“radical”] de sua existência, encarado como compromisso na sociedade*³⁸. Essa atitude pode vicejar também entre ateus, pessoas sem religião, ou “em trânsito”.

Nem sempre é possível perceber sinais da busca religiosa de uma pessoa, adepta ou não de uma religião. Suspeitamos às vezes de banalização do sagrado, como quando se procura determinada igreja mais pela música, pregação, conforto físico ou psíquico e quejandos. Em compensação, pode-

³⁷ Cf. nota 14.

³⁸ Neste artigo, sempre tomamos o termo nesse sentido.

mos encontrar profundidade onde nosso preconceito menos a esperava: entre os que se dizem *ateus*. O espaço não nos permite falar dos ateus da velha guarda, agressivos, fundamentalistas de sinal invertido³⁹. Referimo-nos, aqui, aos que se debruçam sobre a questão com respeitoso empenho. A crença em Deus lhes é dificultada por barreiras que nós lhes colocamos: conceitos de Deus incoerentes ou simplórios; linguagem e argumentação teológicas abstrusas e a-históricas; presunção de posse segura, ou até monopólio, da verdade, quando esta é sempre horizonte em expansão. Pouco depois do Vaticano II, Liégé ponderava com habitual sutileza, que “o que define os ateus não é o serem homens sem Deus, mas o terem tomado uma decisão a respeito do homem de tipo diferente dos que tomaram a decisão a respeito de Deus”⁴⁰. Paradigmáticas as palavras de R. Garaudy:

(...) o que nos torna ateus (...) é o fato de que, experimentando, como os cristãos, a insuficiência de todo ser relativo e parcial, não chegamos por isso à conclusão de uma presença, a do “único necessário”, que responderia à nossa angústia e à nossa impaciência. Se recusamos o próprio nome de Deus é porque implica uma presença, uma realidade, ao passo que nós só vivemos uma exigência, uma exigência jamais satisfeita de totalidade e absoluto, de onipotência em relação à natureza e de perfeita reciprocidade das consciências. (...) Vivemos, sem dúvida, cristãos e marxistas, a exigência do mesmo infinito, mas o vosso é presença, o nosso ausência”⁴¹.

Em que sentido é “ateu” alguém que vive assim? Nessa linha, tem-se repetido que nossa era é pós-atéística, um humanismo conseqüente (Metz); o *Catecismo Holandês* vai mais longe, vislumbrando no ateísmo também uma “cosmovisão pré-cristã”. Não deixam de ser significativas *boutades* como a de Voltaire – “Se me reconciliei com Deus? Bem, nos cumprimentamos, mas não conversamos”, ou de Woody Allen – “Para você sou ateu, para Deus sou leal oposição”.

Embora esse enfoque tenha surgido no âmbito da escola, fica claro que seu interesse estende-se a todos, por toda a vida. Não vamos entrar em detalhes sobre sua prática no cultivo da fé. Mas uma palavra impõe-se a respeito da *linguagem* a ser falada no diálogo com esses novos interlocutores. Será não a linguagem “de dentro”, expressão da fé que une os fiéis também em comunidade semiótica, e sim a “de fora”, acessível a todos, porque não supõe (nem nega) a fé; isso, no tocante não apenas a termos, mas também a conceitos, categorias, abordagens. O cirurgião pode dar o mesmo recado em linguagem médica (com colegas) e em termos populares (com o paciente);

³⁹ Amostra na Internet: <www.ateus.net>.

⁴⁰ A. LIÉGÉ, “L’athéisme: tentation ou réveil des croyants”, *Verité et Vie* 79/584 (1967-1968) 4-21, aqui, 9.

⁴¹ R. GARAUDY, *Do anátema ao diálogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966, p. 57s.

aqui, não: a linguagem da *fé* baseia-se na revelação divina, a da *religiosidade* na experiência e reflexão, no horizonte da imanência humana.

Na América Latina e Caribe, mais que com não-crentes, estamos às voltas com pessoas tratadas como não-gente. Também para elas, porém, é agudo o problema do sentido da vida: sua falta leva à perda da auto-estima, ao desinteresse por organização popular e resistência, a bebida e droga, desespero, violência. Na busca de sentido, essas pessoas são levadas freqüentemente a soluções pseudo-religiosas, sem consistência, incapazes, a médio prazo, de responder às suas necessidades espirituais.

O diálogo com “ausentes” e ateus pode ser fecundo para ambas as partes. Nos ajudará a aprofundar *conceitos* básicos como graça divina, revelação, tradição, verdade e sua irmã doutrina, religião e fé. Despertará questionamentos como: riqueza, ambigüidade e riscos das religiões, ideologia e teologia, educação na fé e lavagem cerebral, âmbito de nosso ecumenismo.

Como se relacionarão Cultivo da fé e Educação da Religiosidade?

O cultivo explícito da fé através de nossas mediações eclesiais continua insubstituível. A **fé** será forte aliada da religiosidade, ativando o conato pelo sempre mais e melhor, pelo “além”; ajudará a passar da transcendência imanente ao que transcende toda imanência; educará a buscar sentido, referenciais; a cultivar valores evangélicos. Unindo os fiéis em comunidade, será antídoto ao individualismo dos novos tempos. Nessa época de nomadismo espiritual, oferece lar, senso de pertença religiosa, humilde orgulho de podermos vestir esta camisa.

Por sua vez, a educação da **religiosidade** aborda importantes aspectos antropológicos ligados à fé e à religião. Não é mediação especificamente eclesial, mas pré-requisito da educação *à* ou *na* fé. Pode remover preconceitos e resistências, de lado a lado. Evita que se queimem etapas no processo formativo. Critica defeitos que, em nome de Deus, se aninham nas religiões. A educação da religiosidade pode sensibilizar, estimular, e ajudar a traduzir em linguagem “de fora” este sólido conjunto de querigma que há 20 séculos é confessado e transmitido em linguagem “de dentro”, a essa altura incompreensível até para a maioria dos cristãos; evitaria assim o corrosivo faz-de-conta aninhado em muita catequese. Apenas um exemplo: em eventos como as festas de Páscoa e Natal, seria proveitoso aprofundar a distância entre as celebrações civis e as da Igreja; e ao mesmo tempo, os pontos de contacto a serem valorizados, em termos pessoais e de compromisso social.

Há uma contribuição dessa educação básica que merece destaque. Ainda segundo Tillich, a religiosidade é *a mais profunda de todas as dimensões da vida humana* ou, mais exatamente, da vida humana *como um todo*. O cultivo dessa religiosidade contribui a devolver-nos essa dimensão, “perdi-

da” devido à atual fragmentação da vida humana⁴². Desse modo, a educação religiosa pode ser ponte para o encontro com ateus, sem-religião, e gente “em trânsito”. Beneficiar-nos-ia com a que é, talvez, a missão mais importante do ateísmo na sociedade: quebrar os ídolos que as religiões nela introduzem!⁴³ Estamos diante de uma perspectiva bem mais ampla de ecumenismo.

Apesar de substancialmente distinta da Catequese, a Educação Religiosa é, sem dúvida, chamada a ser valiosa integrante do cultivo da fé, em qualquer idade. Não é um estágio inferior, mas apoio constante ao longo do processo. Deveria ser incorporada aos currículos de teologia e de formação de coordenadores de pastoral.

Encaminhamentos da desejada articulação no sistema do cultivo da fé

Em vez de descermos a pormenores evidentes, apenas três lembretes.

- Em nosso agir pastoral, não é supérfluo repensar o objetivo geral que nos anima: a causa do Reino de Deus como a viveu Jesus Cristo; no Brasil, isso implica compromisso prioritário com as classes populares, os mais fracos, excluídos, desrespeitados. Em que pese as belas palavras, essa prioridade ainda deixa a desejar⁴⁴. São comuns posicionamentos e gestos proféticos, que mantêm acesa a chama; falta, porém, implementarmos essa opção em macrodimensão, como horizonte. Tomemos um ponto nevrálgico, a *inculturação* – piedosamente recomendada nos documentos, mas impiedosamente desautorizada na prática. Em sua análise da sociedade moderna, Peter Burke⁴⁵ distingue duas camadas culturais, a popular e a oficial, com “transgressões” de uma para outra. A “grande tradição” das elites é transmitida de maneira formal, em cursos, documentos, seminários; quem não os frequenta, não tem acesso a ela. A “pequena tradição”, do povão, é transmitida informalmente, no dia-a-dia, através de arte popular, devoções, na igreja (?), no botequim, na praça do mercado; é aberta a todos indistintamente. Há também duas éticas: a “pequeno-burguesa”, alicerçada na diligência, gravidade, ordem, prudência, razão, sobriedade; e a “tradicional”, com ênfase na generosidade, espontaneidade, mais tolerância da desordem. Ainda segundo Burke, adotar as formas da cultura oficial não significa necessariamente adotar os significados usuais a elas associados: a imitação pode ser uma forma de subversão. Mesmo toques tão

⁴² P. TILLICH, *op. cit.*

⁴³ *Ibidem*, principalmente pp. 53 e 61.

⁴⁴ W. GRUEN, “Catequese com os pobres”, in VV.AA. *A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 471- 483.

⁴⁵ P. BURKE, *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

rápidos, pinçados na obra, oferecem matéria para muita reflexão! Em termos de instituição, em macrodimensão, até que ponto é válido dizer que “caminhamos na estrada de Jesus”?

- Assegure-se trânsito livre entre as mediações. A sistematização da catequese depende do funcionamento satisfatório e integrado das demais mediações; falhando uma, a catequese terá que suprir a lacuna. Assim, enquanto os demais diretórios não estiverem prontos, conviria considerar provisório nosso Diretório Bíblico-Catequético.

- Não conseguiremos religar *saberes*, se não houver religação das *práticas* e, portanto, dos *poderes*. Nossa firme caminhada ao longo desses anos acabará provocando a elaboração de uma **política** que reja todo o sistema de cultivo da fé através de linhas básicas de conjunto, e com garantia de certa estabilidade. Podemos inspirar-nos na sociedade civil, que dispõe de “políticas de Governo”, sujeitas a mudanças ao mudar o Governo; e “políticas de Estado”, para assuntos que exigem maior estabilidade.

Wolfgang Gruen SDB é licenciado em Filosofia pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. João del-Rei, MG (convalidação em 1971), licenciado em Letras anglo-germânicas, *ibidem* 1972, professor nas áreas bíblica e catequética no Instituto S. Tomás de Aquino, na PUC-Minas, Belo Horizonte, MG, e no Instituto Pio XI, São Paulo, SP. É membro do GRECAT da CNBB; do Grupo Internacional de Catequetas Salesianos e da Associação Bíblica Salesiana. Atua como formador dos estudantes de Teologia salesianos de Belo Horizonte, MG e como Vigário Paroquial. Suas principais publicações são: *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo: Paulinas, 1977 (13ª edição 2003, Paulus); *O Ensino Religioso na Escola*, Petrópolis: Vozes, 1995; *O Catecismo da Igreja Católica e a nossa catequese*, Petrópolis: Vozes, 1995. Traduziu e adaptou do alemão o *Catecismo Católico*, São Paulo: Herder, 1958, 6ªed. 1967.

Endereço: Av. 31 Março, 435
30535-000 Belo Horizonte – MG
e-mail: gruen@salesiano.br